

EMPREENDEDORISMO SOCIAL DESENVOLVEDOR DE CAPITAL SOCIAL: ESTUDO DO PROJETO OASIS DE INTERVIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Fabiano André Gonçalves Silva¹

Washington José de Souza²

RESUMO

Este estudo teve com objetivo analisar se o processo formativo de um projeto de extensão universitária, o Projeto OASIS, dentro de um contexto do empreendedorismo social, contribui para o desenvolvimento de jovens no aspecto do capital social. No intuito de alcançar o objetivo proposto esta pesquisa tratou-se de ser qualitativa, descritiva e exploratória, de campo e utilizou-se de um estudo de caso. Foram realizadas 10 entrevistas semi-estruturadas com alunos participantes do referido Projeto. Com as análises baseadas nas falas dos entrevistados foi percebido que um processo formativo baseado no empreendedorismo social contribui para o desenvolvimento de jovens no aspecto do capital social, principalmente nos aspectos da confiança e cooperação.

Palavras-chave: Empreendedorismo Social; Capital Social; Projeto OASIS

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetivou analisar se um processo formativo baseado no empreendedorismo social, dentro de um contexto de um projeto de extensão universitária, contribui para o desenvolvimento de jovens no aspecto do capital social. Para isso, este trabalho baseou a sua análise empírica no Projeto OASIS de Intervivência Universitária, que foi idealizado e executado pela Incubadora OASIS, a qual encontra-se vinculada ao Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O respectivo Projeto surgiu no ano de 2009 após sua proposta ter sido submetida e aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do edital MCT/CNPq/CT-Agronegócio/MDA – nº 23/2008, e teve como objetivo socializar processos de formação empreendedora, no âmbito social, para estudantes do ensino médio, preferencialmente os que viviam na zona rural, mediante a disponibilização de espaços de construção de conhecimentos

e de intercâmbio de saberes e experiência, contribuindo para o protagonismo juvenil. Contou com a parceria da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Rio Grande do Norte (FETARN), com o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (EMATER), com as prefeituras de cinco municípios do estado do Rio Grande do Norte e com a Escola Agrícola de Jundiá (EAJ – Ensino Médio) da UFRN.

O Projeto OASIS teve duração de vinte meses, tendo seu início no mês de abril do ano de 2009 e sua finalização em dezembro de 2010. Contou com a participação de cento e oitenta alunos dos municípios de Pedro Avelino, Guamaré, Galinhos, Afonso Bezerra e Jandaíra, além dos alunos da EAJ/UFRN, sendo selecionados trinta alunos de cada localidade.

As formações ocorreram de duas formas, em encontros de curta e longa duração. Naqueles houve a junção, para cada encontro, dos alunos de dois municípios participantes, no qual foi trabalhado assuntos específicos. Assim, em um semestre ocorreram três rodadas de formação de curta duração, envolvendo os cinco municípios participantes, além da EAJ/UFRN. Já os encontros de longa duração aconteceram na EAJ/UFRN onde houve a junção dos cento e oitenta alunos, objetivando que tais, juntos, participassem de formações e atividades do Projeto, em convívio mais intenso com a academia.

Os assuntos tratados nas formações visavam levar os alunos a um despertar político e crítico, além de terem acessos a assuntos que os levassem ao desenvolvimento de suas comunidades. Assim sendo, foram abordados os assuntos: Ética e Responsabilidade Social; Controle Social e Participação; Elaboração de Projetos; Trabalho Voluntário; Conflito e Negociação; Comportamento Empreendedor e Empreendedorismo Social; Gestão Ambiental; Gestão da Qualidade; Autogestão e Economia Solidária; Agroecologia e Agricultura Orgânica; Comércio Justo; Educação para a Sustentabilidade; Gestão e Políticas Públicas; Estratégia e Marketing e Gestão de Pessoas. No intuito de se obter um melhor aprendizado e que os alunos fossem a campo e conhecessem as realidades as quais estavam inseridas e as trouxessem para serem discutidas em sala de aula, antes das formações eram distribuídos roteiros de pesquisa sobre assuntos específicos objetivando as suas aplicações, pelos alunos, nas suas comunidades.

A pesquisa se caracterizou por ser descritiva e exploratória. A pesquisa descritiva objetiva expor as características de determinada população ou de determinado fenômeno (VERGARA, 2004; GIL, 1999). Assim, esta pesquisa buscou descrever o desenvolvimento dos jovens participantes do Projeto OASIS no aspecto do capital social, ao terem acesso a uma formação em empreendedorismo social. É exploratória por ser realizada em área em que há pouco conhecimento acumulado e sistematizado, permitindo ao pesquisador um alcance maior de conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa (VERGARA, 2004; MATTAR, 1996; GIL, 1994), justificada pela escassez de pesquisas que verifiquem o desenvolvimento do capital social, dentro de um contexto do empreendedorismo social.

Quanto ao meio de investigação, de acordo com os critérios de Vergara (2004), a pesquisa caracteriza-se por ser um estudo de caso e um estudo de campo. O estudo de caso é um tipo de pesquisa, de acordo com Godoy (1995, p. 25), “[...] onde o objeto é uma unidade que se analisa profundamente”. Já a pesquisa de campo se caracteriza, de acordo com Andrade (1994), pelo fato da coleta de dados ser efetuada em campo, onde ocorreram espontaneamente os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador sobre eles. Assim, este trabalho analisou, em profundidade, o Projeto OASIS de Intervivência Universitária, tendo a coleta dos dados ocorrida nos municípios onde os alunos residiam e que ocorreram ações do Projeto, ou seja, Jandaíra, Pedro Avelino, Afonso Bezerra, Galinhos e Guamaré.

Quanto a abordagem, a pesquisa caracterizou-se por ser qualitativa. Para Richardson (2008, p. 90) este tipo de pesquisa caracteriza-se “como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”. Buscou-se, através das percepções dos entrevistados, identificar os seus desenvolvimentos no aspecto do capital social. As percepções foram obtidas e analisadas através de entrevistas semi-estruturadas.

No intuito de alcançar o objetivo deste trabalho, do universo de cento e oitenta alunos que participaram do Projeto OASIS, foram selecionados dez, sendo dois alunos de cada município participante, no qual utilizou-se dos seguintes critérios de escolhas: ser o mais jovem em idade dentre os alunos participantes de cada município; ser o menos jovem em idade dentre os alunos participantes de cada município; estar, no Projeto, desde o seu início, preferencialmente, e ter participado

de todas, ou, de praticamente todas, formações e atividades ao longo dos quatro semestres. O objetivo dessa seleção foi buscar conhecer de alunos de idade, escolaridade e localidades diferentes os seus desenvolvimentos no aspecto do capital social. Não foram selecionados alunos da EAJ/UFRN, pois ao findar o Projeto praticamente todos eles não faziam mais parte já que haviam concluído o ensino médio, perdendo assim o vínculo.

A identificação dos alunos entrevistados se deu utilizando-se a letra “N” para os alunos mais jovens em idade e a letra “V” para os alunos menos jovens em idade. Os números de 1 a 5 foram utilizados para representar os municípios participantes. Desta forma, “N4”, por exemplo, faz referência ao aluno mais jovem do município 4. Já a sigla “V3” representa o aluno menos jovem do município 3

No intuito de facilitar o entendimento da estrutura deste artigo, tal encontrasse assim estruturado. Em primeiro lugar abordou-se teoricamente o empreendedorismo social, sendo apresentado o seu conceito, objetivo, além da sua diferença em relação ao empreendedorismo de negócio e a responsabilidade social. Em seguida, tratou-se do assunto capital social, sendo apresentado seu conceito, além de suas características. Posteriormente, foram apresentados os resultados da pesquisa através da análise das falas dos alunos participantes, sendo apresentadas, por último, as considerações finais.

2 EMPREENDEDORISMO SOCIAL E CAPITAL SOCIAL

O empreendedorismo social, de acordo com Oliveira (2008), constitui-se tema novo na atual configuração. Trata-se de um assunto que deriva do empreendedorismo de negócios e deste se diferencia pela busca, não do lucro, mas, sim, de melhorias sociais. Emerge no cenário dos anos de 1990, em decorrência ao aumento da problematização social, da diminuição dos investimentos públicos no campo social, do crescimento das organizações do Terceiro Setor e da participação das empresas em investimentos e ações no campo social. Porém, quando se aborda o fenômeno deste empreendedorismo, percebe-se que tal sempre existiu, representado por líderes que se tornaram conhecidos mundialmente pela luta por melhorias sociais, como Luter King, Gandhi, Francisco de Assis, dentre outros. O que tem diferenciado a ação de empreender socialmente de outrora da forma de atuar na

atualidade é a utilização de ferramentas de gestão. Tais têm proporcionado que melhorias sociais sejam alcançadas de forma mais planejada e profissional (BORNSTEIN, 2005; DEES, 2010; OLIVEIRA, 2008, 2004).

A nova forma de atuação deste tipo de empreendedorismo tem provocado, nas últimas décadas, o aumento na quantidade de organizações não-governamentais, chamadas de organizações cidadãs, pelo mundo. É importante destacar que o empreendedorismo social não visa exclusivamente à abertura de ONGs, mas, pode ocorrer como fruto de uma idéia, de um desejo de um empreendedor social em ampliar a forma de sua atuação.

O empreendedorismo social tem como objetivo, de acordo com Melo Neto e Fróes (2002), retirar as pessoas da situação de risco social, e, dentro do possível, promover o desenvolvimento das suas capacidades e aptidões naturais, visando assim inclusão social. Difere da responsabilidade social empresarial, já que esta se limita a ações internas e externas à empresa, visando o benefício dos *stakeholders*, não tendo como objetivo despertar a sociedade para a promoção do seu próprio desenvolvimento, como também difere do empreendedorismo de negócios, pois aquele não produz bens e serviços para serem comercializados mas, sim, para a resolução de problemas sociais, como também não se volta para mercados, mas, para setores populacionais em situação de risco (MELO NETO; FRÓES, 2002). Desta forma, o que os diferenciam são os objetivos. Um busca o lucro, estando dentro do ideal do sistema econômico vigente, já, o outro, dentro desse mesmo sistema, objetiva proporcionar condições de vida digna para aqueles que foram renegados pela sociedade.

O quadro a seguir identifica diferenças entre estes dois tipos de empreendedorismo.

Quadro 1 – Diferenças entre Empreendedorismo Privado e Empreendedorismo Social.

Empreendedorismo Privado	Empreendedorismo Social
É individual, fala-se na 1ª pessoa do singular.	É coletivo, fala-se na 1ª pessoa do plural.
Produz bens e serviços para o mercado.	Produz bens e serviços para a comunidade.
Tem foco no mercado.	Tem foco na busca de soluções para os problemas sociais.
Sua medida de desempenho é o lucro.	Sua medida de desempenho é o impacto social.
Visa satisfazer necessidades dos clientes e ampliar as potencialidades do negócio.	Visa resgatar pessoas da situação de risco social e promovê-las.
Economia é uma dimensão supervalorizada.	A economia está a serviço da comunidade.
Clientes e consumidores	Beneficiários diretos e indiretos

Fonte: Elaborado a partir de Melo Neto e Fróes (2002)

Diante das diferenciações acima torna-se importante a conceituação do empreendedorismo social. Há uma dificuldade em defini-lo devido ao fato de se tratar de um tema em construção (OLIVEIRA, 2004). Dentre os autores que buscam conceituá-lo destaque para Oliveira (2008) e Melo Neto e Fróes (2002). Para Oliveira (2008, p. 170), empreendedorismo social é:

Uma arte e uma ciência, um novo paradigma e um processo de inovação em tecnologia e gestão social, e um indutor de auto-organização social para o enfrentamento da pobreza, da exclusão social por meio do fomento da solidariedade e emancipação social, do desenvolvimento humano, do empoderamento dos cidadãos, do capital social, com vistas ao desenvolvimento local integrado e sustentável.

De acordo ainda com o autor tal empreendedorismo pode ser detalhado em seis pontos: a) é um novo paradigma de intervenção social, pois, representa uma nova abordagem de relação e integração entre vários atores e segmentos da sociedade; b) trata-se de um processo de gestão social, pois, apresenta uma sequência de ações (formulação da idéia, amadurecimento, colocação em prática e, conseqüentemente, a multiplicação das ações); c) é arte devido a possibilidade do empreendedor social aplicar suas habilidades, aptidões, intuições e sensibilidades no desenvolvimento de ações que trarão desenvolvimento para comunidades; d) é ciência devido a utilização de meios técnicos e científicos, os quais visam interferir

na realidade humana e social, buscando ganhos sociais substanciais; e) trata-se de uma nova tecnologia social, pois, a capacidade de inovação e de realização de novas estratégias de ação faz com que sejam geradas outras ações empreendedoras, emancipadoras e transformadoras; f) trata-se de um indutor de auto-organização social, pois, não são ações isoladas, mas, sim, ações que necessitam de participação e articulação da sociedade. Resgata uma solidariedade que liberta, que leva à emancipação, já que se baseia no empoderamento das pessoas e na integração de esforços, este dentro do contexto do capital social (OLIVEIRA, 2008).

Melo Neto e Fróes (2002) igualmente definem empreendedorismo social como ciência e arte, racionalidade e intuição, idéia e visão, sensibilidade social e visão, sensibilidade social e pragmatismo responsável, utopia e realidade, força inovadora e praticidade, o que objetiva levar a comunidade à conscientização; auto-estima; auto-suficiência; participação; a possuir novos conhecimentos, idéias e valores; sentimento de conexão; sair de uma posição de mão-de-obra barata para proprietária e gestora de empreendimentos sociais. Caracteriza-se, portanto, por ser um tipo de ação socialmente transformadora e, assim sendo, diferencia-se de todas as demais idéias de negócio pelo seu caráter de inovação. Afirmam que é inovação maior e melhor do que a representada pelo empreendedorismo de negócio, pois, envolve a projeção de mudanças na sociedade. Os autores fazem alusão a alguns pontos que também estão presentes no conceito de Oliveira (2008), como o fato de se enquadrar em um novo paradigma, no empoderamento, no capital social, no qual este será melhor abordado neste trabalho, e o fato de envolver tecnologias sociais.

O capital social se constitui como importante elemento presente no empreendedorismo social. Destaca Melo Neto e Fróes (2002, p. 93) que este tipo de empreendedorismo “exige uma sociedade civil forte, atuante, saudável e dinâmica, com grande potencial de capital social disponível”. De acordo com D’Araujo (2003, p.8) este tipo de capital consiste em “ferramenta útil para auxiliar comunidade e governo a resolverem problemas socialmente relevantes”. Acrescenta que tal trata de relações informais e de confiança que levam as pessoas a agirem no intuito do alcance de um bem comum. Para a autora o capital social está ligado a três fatores: confiança; normas e cadeias de reciprocidade; e sistema de participação cívica.

Para Putnam (2007, p. 45) capital social consiste em “relações informais e de confiança que fazem com que as pessoas ajam conjuntamente em busca de um bem comum”. Para o autor, além da confiança o referido capital está ligado a reciprocidade, cooperação, compromisso, bem estar coletivo e participação cívica. Putnam (2007) afirma, ainda, que a partir do momento em que há uma sociedade forte, com a presença dos elementos citados, haverá uma economia e um Estado forte e conseqüentemente uma condição de vida digna para os cidadãos.

Melo Neto e Fróes (2002, p. 55) definem capital social como “o acúmulo de experiências participativas e organizacionais que ocorrem na base de uma comunidade ou sociedade, reforçando seus laços de solidariedade, cooperação, confiança, etc., das pessoas, grupos sociais e entidades”. Para tais autores só existe capital social quando a participação social, a solidariedade social, a iniciativa, a cooperação, a confiança e a organização atuam conjuntamente por meio de um programa ou projeto social. Destacam, ainda, que o fortalecimento das bases de confiança e cooperação conduz ao desenvolvimento de iniciativas em empreendedorismo político, social e cívico.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o capital social está voltado para a capacidade das pessoas confiarem uma nas outras gerando, assim, atos de cooperação, solidariedade, partilha, visando ao bem comum, pois, se o todo ganhar o individual também será beneficiado. Destaque também para, neste tipo de capital, a participação social ocorrer em forma de grupo, que pode se dar através de associações, cooperativas, dentre outros, onde os interesses individuais devem estar subordinados aos interesses coletivos. A participação desta natureza acaba por desenvolver, nos indivíduos, o respeito pelo próximo, a tolerância e o espírito de colaboração.

Diante dos vários elementos deste tipo de capital, este trabalho dará ênfase a três características que o caracteriza satisfatoriamente, os quais são: confiança, cooperação e participação cívica.

D’Araújo (2003, p. 33) define confiança como “expectativa de reciprocidade que pessoas de uma comunidade, baseada em normas e partilhas, têm acerca do comportamento dos outros”. Para Putnam (2007) a confiança consiste no ato de confiar na outra pessoa na esperança de que tal preferirá agir da forma correta quando tiver uma oportunidade de retribuir a confiança que lhe foi depositada. De

acordo com Rennó (2001) a confiança entre as pessoas é uma garantia que elas se comportarão de modo previsível. Baseando-se na confiança abordada por Putnam, Rennó (2001) destaca que confiança é um conceito relacionado com a interação entre os atores e que ela cria dependência de trajeto, ou seja, a confiança constrói-se ao longo do tempo e, estabelecida, tende a continuar ao longo do tempo. Putnam (2007) destaca que a confiança é promotora de cooperação e, quanto maior for o seu grau entre as pessoas, maior a probabilidade destas se ajudarem, colaborarem para o bem comum. Diante do exposto, confiança está voltada para relações seguras entre pessoas, a partir do que passam a acreditar umas nas outras.

Cooperação, de acordo Mesquita (1999), fazendo referencia a Piaget, significa “cooperar”, “operar junto” ou “negociar” para que se chegue a um acordo que pareça adequado a todos os envolvidos. Para Maçada e Tijiboy (2011) a cooperação consiste: na interação e colaboração entre os sujeitos; em relações de respeito mútuo e não hierárquicas entre as pessoas; em tolerância e em saber conviver com as diferenças; além de ser um processo de negociação constante. Destacam, ainda, que para existir cooperação, além desses elementos, deve haver objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas. Assim, cooperação trata de ações em conjunto, entre pessoas, visando ao alcance de objetivos em comum.

Participação Cívica, de acordo com D’Araújo (2003), se constitui como sistema que permite as pessoas cooperarem, ajudarem-se mutuamente, zelar pelo bem público, promovendo a prosperidade. Albuquerque (2008), fazendo referência à abordagem de Putman sobre comunidade cívica, destaca que, para este autor, este tipo de comunidade exige dos indivíduos, dentre outros elementos, compromisso com a participação ativa nos assuntos públicos, ou seja, nos assuntos que dizem respeito à toda a população. Esta participação, de acordo Gohn (2004), possibilitará reais conquistas de uma sociedade democrática, devendo ela começar no âmbito local, pois, é em tal que se encontra o verdadeiro capital social que produz mudanças sociais em outras esferas. Gohn (2004) destaca a importância da participação da sociedade civil na esfera pública, seja através de conselhos e/ou através de outras formas institucionalizadas, que deve ser ativa, não permitindo o enquadramento do cidadão em estruturas previamente estabelecidas, dentro de um modelo pragmatista.

Putnam (2007), em estudo sobre a Itália, percebeu duas realidades distintas naquele país, uma ao norte e outra ao sul. O norte caracterizou-se, dentre vários elementos, pelo engajamento cívico, onde os cidadãos eram ativos na sociedade e prevalecia neles o espírito público, a confiança e a cooperação. Já no sul, percebeu alto grau de desconfiança entre as pessoas e destas com os órgãos governamentais, além de estrutura política verticalizada, prevalecendo, assim, a concentração de poder nas mãos de uns em detrimento de outros, dentre outras características. De acordo com o autor, a consequência destas duas realidades foi desempenho econômico, governamental e institucional expressivo na região norte quando comparada à região sul. Para Putnam (2007), quanto maior o grau de participação cívica, ou seja, o nível de interesse das pessoas por aquilo que é público, maior será o desempenho das regiões, seja institucionalmente, economicamente, colaborativamente, governamental. Putnam (2007 p. 183) afirma que “Os sistemas de participação cívica são uma forma essencial de capital social: quanto mais desenvolvidos forem esses sistemas numa comunidade, maior será a probabilidade que seus cidadãos sejam capazes de cooperar em benefício mútuo”. Assim, a abordagem em relação à participação cívica considerada neste trabalho consiste na participação das pessoas em assuntos de interesse coletivo nos locais onde vivem.

3 INFLUÊNCIA DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DO CAPITAL SOCIAL EM JOVENS DO PROJETO OASIS DE INTERVIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Diante do objetivo do empreendedorismo social em combater a pobreza e a exclusão social, como destaca Oliveira (2008), o capital social se apresenta como importante elemento a ser buscado. Há a necessidade que a sociedade civil seja fortalecida, atuante, passe a ter relações de confiança e cooperação entre os membros e que esteja sempre participando de momentos em que os interesses sociais estejam sendo abordados, ou seja, é preciso o estímulo à participação cívica (D'ARAUJO, 2003; MELO NETO; FRÓES, 2002).

Os alunos do Projeto OASIS participante desta pesquisa, ao serem perguntados se haviam sido despertados para o aspecto da confiança, ou seja, para o ato de acreditar que, quando necessário, as pessoas agirão de forma correta, previsível (PUTNAM, 2007; RENNÓ, 2001), foi percebido em todos o desenvolvimento desta característica. De forma consensual atribuíram esse desenvolvimento ao fato de trabalharem em grupo, tanto nas formações do Projeto OASIS e nas pesquisas de campo, quanto nas intervenções sociais que realizaram em seus municípios:

V5: Passei a confiar muito nos meus amigos.

N4: [...] Porque se eu não tiver confiança na pessoa que tá comigo, eu num vou ter um bom trabalho.

N5: [...] Acho que o Projeto, apesar de eu já ter, eu já tinha, mas o Projeto reforçou tudo isso, essa confiança, autonomia, o Projeto sempre vem reforçando mais ainda. São pessoas mais diferentes. Na escola a gente convive, mas, no Projeto, foram pessoas diferentes, pessoas novas, essas formações, então ajudou mais ainda.

N3: Olha, é, antes do Projeto eu não tinha muitas amizades com esse pessoal do assentamento, aí começou esse Projeto, aí todo mundo em grupo, em reunião e tudo, aí nós tivemos uma amizade maior, entendeu, pra conseguir o que a gente quer fazer no Projeto.

V2, apesar de apresentar certo desenvolvimento em relação aos demais alunos, devido a ser um dos alunos menos jovem do Projeto, já trabalhar e ser uma pessoa que está sempre em busca do conhecimento, ressaltou que o aspecto da confiança foi despertado nele, apresentando como causa o agir em grupo nas ações do Projeto OASIS.

N2, ao ser perguntado o que achava do desenvolvimento da confiança no próximo destacou:

N2: É bom, porque você passar confiança é até, alguém dizer vou dar porque tenho confiança nele, você tá passando confiança para aquela pessoa. Isso é legal.

V1 e V3 destacaram que, mesmo tendo problemas de relacionamentos com alguns jovens integrantes do Projeto, o fato de trabalhar em grupo os levou a superar desavenças, desenvolvendo neles o aspecto da confiança:

V1: [...] a gente tinha que ter, tipo, um companheirismo por mais que a gente não se batesse muito mas tinha que ir lá. Então isso surgiu logo, de início um companheirismo, daí vieram as outras coisas.

V3: [...] porque tem pessoas aqui que passa por mim na rua e nem fala. [...] do Projeto mesmo, pessoas que passa aqui e nem se fala por conta: há eu sou filho de político e fulano não é, fulano mora em assentamento, é só a gente aqui, aí o correto, na hora do correto a gente tem que se encontrar com fulano. De certa forma a gente tem que aprender a confiar.

N1 destaca que, além de ter sido desenvolvido o aspecto de confiar nos colegas, ela percebeu também que foi melhorada a relação de confiança entre pais e filhos como consequência da atuação dos jovens no município:

N1: Eles confiaram mais na gente, assim, confiaram mais na gente, os pais confiaram mais nos filhos que tinham. [...] Não que não confiassem, mas confiaram [...] naquele modo de pensar do filho deles entendeu? Aí confiaram mais na capacidade dos jovens [...]. Que o jovem num é só pra fazer baderna nem bagunça na cidade, eles também ajudam.

O fato de desenvolverem todas as atividades em grupo exigiu mais tempo juntos, se conhecendo melhor, formando novas amizades e/ou aprofundando as já existentes e/ou mesmo passando a conviver com pessoas que antes não se tinha oportunidade, identificando características e peculiaridades uns dos outros e convivendo com elas, despertando, assim, naturalmente, o aspecto do confiar, do acreditar que a pessoa agirá de forma adequada quando necessário, de acordo com o que afirma Putnam (2007). Esse convívio proporcionou, também, de forma natural, que as ações entre eles se tornassem previsíveis, conhecidas, consolidando ainda mais o aspecto do confiar, confirmando o posicionamento de Rennó (2001) quando destaca que a confiança entre as pessoas é gerada pela garantia de que elas se comportarão de modo previsível.

No contexto do capital social e, conseqüentemente, do empreendedorismo social, as relações de confiança se apresentam como elementos essenciais ao alcance de objetivos e, também, como impulsionadoras de outras ações. Desta forma, o desenvolvimento da confiança entre os alunos levou-os a desenvolverem o aspecto da cooperação.

A cooperação, relação que ocorre entre pessoas objetivando o alcance de objetivos comuns sob contexto de respeito, interação, tolerância, entre outros aspectos (MAÇADA; TIJIBOY, 2011), igualmente foi identificada nos participantes desta pesquisa. Percebeu-se que o ato de cooperar foi desenvolvido nos jovens,

oriundo da relação de confiança obtida ao trabalhar em grupo. A partir do momento em que os jovens iam se conhecendo, interagindo, passando a compartilhar experiências, opiniões e desenvolvendo trabalhos e atividades em grupos, foi sendo desenvolvida a confiança resultando, assim, na cooperação, pois, para os propósitos que passaram a ter, a confiança e a cooperação tornaram-se essenciais. Putnam (2007), ao abordar a relação entre confiança e cooperação, havia identificado que, quanto maior o grau de confiança entre as pessoas, maior a probabilidade de tais se ajudarem, colaborando para o bem comum.

N4: Porque se eu não tiver confiança na pessoa que tava comigo, eu num vou ter um bom trabalho. Se eu não tivesse a solidariedade com ela para ajudar e ela comigo não vai sair um bom trabalho. Eu acho que o despertar disso tudo contribuiu para melhorar o meu trabalho em grupo.

N5: O Projeto ajudou bastante a gente, a pessoas que eram muito individualistas, a trabalhar em equipe.

V1: [...] eu tou buscando, ajudando os outros, porque antigamente era só pra mim [...]. Hoje não, no OASIS a gente procura fazer pros outros.

V5: [...] Num cooperava com ninguém não. Eu falava só pra mim mesmo. Mas agora.

V3: [...] a partir do momento que você faz um grupo de trinta pessoas, você tem que conviver com trinta pessoas, e a gente tem uns do assentamento, uns [...], aí você tem que ter uma visão de cooperação muito grande.

N2: É cooperação porque se fosse individual, acredito que não seria a mesma coisa. Você, às vezes, vai falar e esquece, aí chega a outra pessoa e complementa.

N1 destaca o desenvolvimento da cooperação com seus colegas de projeto, tanto no processo de aprendizagem quanto nas atividades, fruto do trabalhar em grupo. Também fez referência à cooperação que existiu entre os membros do Projeto e a comunidade.

N1: Cooperação era assim, se tinha um trabalho na escola, se tinha uma coisa na quadra da escola a família ia, as famílias dos alunos iam. Há, o grupo do OASIS vai fazer um projeto lá na escola hoje, as mães [...] que podia ir, ia lá ver realmente o trabalho que o OASIS tava fazendo. [...] as mães davam idéias pra a gente, por que vocês num trabalham lá? A gente ia lá e adotava aquela idéia delas e trabalhava.

Essa relação de troca de informações e experiências proporcionou o desenvolvimento de projetos os quais objetivaram o alcance de melhorias sociais.

V2 destacou que já havia trabalhado em grupo, mas, na forma como ocorreu no OASIS, foi diferente do que já havia vivenciado, ressaltando que, no Projeto, os alunos do grupo tinham pensamentos diferentes, e, tais eram expostos, para, juntos, buscarem um acordo e realizarem atividades.

V2: cada um já tinha um modo de pensar. Cada um tinha um modo de pensar diferente. Aí a gente se unia pra chegar num acordo comum.

Porém, em V2 não houve maior desenvolvimento neste aspecto, pois, afirma que já possuía a característica de cooperar antes mesmo de fazer parte do OASIS e, ainda, pelo fato de suas opiniões, geralmente, divergirem dos seus colegas, levando-o a não contribuir com algumas discussões que se constituem em “perda de tempo”, de acordo com o aluno.

Para que o empreendedorismo social se desenvolva, como destaca Melo Neto e Fróes (2002), há a necessidade de que a sociedade seja forte, atuante e consiga resolver os seus problemas sociais, ou seja, há a necessidade do fortalecimento do capital social. A cooperação se apresenta como um dos elementos importantes para se alcançar esses propósitos e o seu desenvolvimento, nos entrevistados, se constituiu como ganhos na busca de condições de vida digna.

Em relação a participação dos entrevistados em atos, reuniões e sessões voltados para assuntos ligados à coletividade apenas nos alunos N3, V3 e N4 foi percebido desenvolvimento.

N3 destaca que passou a perceber a importância de participar de assuntos relacionados à sociedade na medida em que o projeto foi acontecendo. Ao ser perguntada se após o projeto estava mais participativa de reuniões, atividades que tratassem de assuntos que envolvesse a sociedade, ela destacou:

N3: Mais participativa, pois quando sempre falava, assim, nas palestras que iria ter, reunião, eu nem ligava. Mas depois eu percebi que é importante pra mim e como pra todos.

V3 já possuía aspectos de participação cívica, pois, é componente da FETARN e participa de eventos locais, regionais e nacionais, regularmente, em que são discutidos assuntos voltados à vida do homem do campo. Isso tem proporcionado, cada vez mais, um despertar para cobrar das autoridades benefícios e ganhos sociais para a população.

Dentre os alunos que se desenvolveram no aspecto da participação cívica destaque também para N4, que despertou para assuntos voltados para o desenvolvimento da sociedade. Na busca de conhecimentos nesta área começou a frequentar a câmara dos vereadores de seu município, pois, destaca que lá iria ter acesso ao que estava sendo aprovado em projetos e finanças para o município, como também, passou a participar do Selo UNICEF¹, como representante jovem do seu município, possibilitando o acesso a vários dados que retratavam a realidade municipal. O resultado foi que ela passou a fiscalizar, como também, a cobrar ações sociais efetivas das autoridades municipais:

N4: [...] porque o nosso município é assim, entra muita verba, mas você não vê nada de diferente no município. Pra onde vai esse dinheiro? Eu nunca tinha tido a preocupação, mas hoje em dia eu sempre procuro, entendeu, assim, quando eu posso eu vou pra Câmara, porque na Câmara você tem muito acesso a essas coisas. Tem um vereador que ele fala mesmo, entendeu, ai sempre que eu posso eu vou à Câmara. Mainha diz: mulher porque, eu não sei o que você faz lá, é muito chato. E eu digo: mainha eu quero saber das coisas. Porque lá tem muita discussão e eu gosto, porque eu quero saber a verdadeira realidade do município. Eu queria um dia chegar para o prefeito e perguntar por que, mas não tem como, entendeu, perguntar porque ele não tá fazendo nada pelo município.

Em relação ao Selo UNICEF, destacou:

N4:[...] Eu fui convidada para ser representante jovem do meu município no Selo UNICEF né,[...] ai eu aceitei. Antes eu tinha sido, na primeira tentativa do Selo, eu tinha sido convidada, mas eu não quis. Ai quando foi dessa vez, eu senti aquela vontade de participar, entendeu? Para saber o que estava acontecendo mesmo no município, porque através do UNICEF a gente tem, a gente tem acesso a vários dados: de mortalidade infantil, de tudo. Então eu achei muito interessante participar disso. Eu acho que o OASIS me ajudou a ter vontade e força para participar.

Fez referência a um diálogo que teve com um vereador quando cobrou uma postura diferenciada na Câmara:

N4: [...] na época da política, eu conversei muito com ele [...] e falei muito sobre isso, que ele nunca tinha visitado os municípios, digo os assentamentos. Ai eu disse: [...] por que você nunca visitou os assentamentos? Ai ele fez: [...] isso foi uma deficiência muito grande do

¹ O Selo UNICEF - Município Aprovado trata-se de um reconhecimento internacional que o município pode conquistar pelo resultado dos seus esforços na melhoria da qualidade de vida de crianças e adolescentes. A partir de um diagnóstico e de dados levantados pelo UNICEF, os municípios que se inscrevem tem a possibilidade de conhecer melhor sua realidade e as políticas voltadas para infância e adolescência. Com dados concretos e com o apoio popular em nível de participação, o município passa a ter condições de rever suas políticas e repensar estratégias. Disponível em: <<http://www.selounicef.org.br/?op=1&k=1>>, acessado em: 15 jun. 2011.

meu mandato. E eu: pois é, porque uma coisa que eu acho muito errado nos políticos, eles só vão atrás das coisas em época de política. E eu conversei muito com ele, entendeu? E ele disse que muitas vezes ele era insatisfeito com as coisas na Câmara, mas ele não pode fazer nada porque ele era do lado do prefeito e ele tinha que fazer aquilo que o prefeito pedia. [...] eu parecia uma pessoa conversando com ele, tipo uma mãe, eu dei tanto carão nele, falando com ele. Eu disse: [...] você não pode fazer isso não. Ai ele disse, [...] você vai me dar seu voto? E eu: eu não vou dá meu voto a você mais não, porque eu darei meu voto a você pela amizade, mas um voto não se dá pela amizade, você dá pelo que você acha que ele vai fazer.

A participação efetiva dos alunos que participaram desta pesquisa naquilo que é público, como afirma Putnam (2007), é restrita quando comparada à evolução percebida nos aspectos da cooperação e confiança. N4 foi a que mais se evidenciou no desenvolvimento da participação cívica e se faz interessante observar que tal se trata de uma das alunas mais novas entre os entrevistados e do Projeto, que não se interessava pela realidade do seu município até participar do Projeto OASIS.

O não despertar, de forma acentuada, dos alunos para o civismo pode ser associado ao contexto social aos quais encontram-se inseridos, ou seja, a região nordeste do Brasil, que por anos sofreu, e em alguns lugares sofre ainda, com a força do coronelismo e do autoritarismo daqueles que detém a terra, o poder.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo social, tomando-se como referência Melo Neto e Fróes (2002), trata da necessidade de que pessoas adquiram nova forma de ver e de se portar diante da realidade, assumindo posturas de participação e atuação social. O desenvolvimento do capital social, nesse contexto, se apresenta como elemento importante para o alcance dos objetivos do referido empreendedorismo.

Diante do exposto neste trabalho, percebe-se que houve desenvolvimento do capital social nos alunos pesquisados, principalmente nos aspectos da confiança e cooperação, fruto das relações construídas pelos jovens ao trabalharem em grupo. Já o aspecto da participação cívica foi desenvolvido de forma restrita. Assim, pode-se afirmar que um processo formativo baseado no empreendedorismo social contribui para o desenvolvimento de jovens no aspecto do capital social.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the formation process of a university extension project, the Project OASIS, within a context of social entrepreneurship, contributing to youth development in the aspect of social capital. In order to achieve the proposed objective this research this was to be qualitative, descriptive and exploratory, field and we used a case study. Were conducted 10 semi-structured interviews with participating students the Draft. With the analysis based on the interviewees' discourse was perceived as a learning process based on social entrepreneurship contributes to the development of young people in the aspect of social capital, principalmente aspects of trust and cooperation.

Keywords: Social Entrepreneurship; Social Capital; Project OASIS

NOTAS

¹ - Mestre em Administração pelo Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduação em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

² - Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rosana de Lemos de Sousa. *Associativismo, Capital Social e Mobilidade: Contributos para o Estudo da Participação Associativa de Descendentes de Imigrantes Africanos Lusófonos em Portugal*. 2008. 581f. Tese (Doutoramento em Sociologia) – Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

ANDRADE, M. M.. *Introdução a metodologia do trabalho científico*. Atlas, 1994.

BORNSTEIN, David. *Como mudar o mundo: empreendedores sociais e o poder das novas idéias*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

D'ARAUJO, Maria Celina. *Capital Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DEES, Gregory J. *The Meaning of "Social Entrepreneurship"*. Disponível em: <http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf>. Acesso em 15 jul. 2011.

EDITAL MCT/CNPq/CT-AGRONEGÓCIO/MDA – Nº 23/2008 – PROGRAMA INTERVIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA. Editais. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/editais/ct/2008/023.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.35, n.3, maio/jun. 1995.

GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.13, n. 12, p. 20-31, maio/ago. 2004.

MAÇADA, Debora Laurino; TIJIBOY, Ana Vilma. Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 4. 1998, Brasília. Anais eletrônicos ... Brasília. Disponível em: <<http://www.url.edu.gt/sitios/tice/docs/trabalhos/274.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2011.

MATTAR, Fauze N. *Pesquisa em marketing*. São Paulo: Atlas, 1996.

MELO NETO; Francisco de Paulo de; FRÓES, César. *Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MESQUITA, Zilá. Para compreender competição e cooperação nas organizações. Reflexões Preliminares. *Convergência*, Toluca, ano 6, n. 19, p. 157-173, mai./ago. 1999.

OLIVEIRA, Edson Marques. *Empreendedorismo social: da teoria à prática, do sonho à realidade*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

_____. *Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégias*. Franca. 538f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - UNESP, Franca, 2004.

PUTNAM, Robert D. *Comunidade e Democracia – a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

RENÓ, Lucio R. Confiança interpessoal e comportamento político: microfundamentos da teoria do capital social na América Latina. *Opinião Pública*, Campinas, v.7, n.1, p. 33-59, mai. 2001.

RICHARDSON, Roberto J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2008.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.